

APRESENTAÇÃO

Este volume contém textos de autores dos séculos XIX e XX, cuja obra teve, e tem ainda, grande repercussão na produção literária francesa. Alguns deles, na verdade, deram contribuição considerável ao desenvolvimento das artes e das idéias nesses séculos.

De início, em “Victor Hugo segundo Alexandre Dumas”, Maria Lúcia Dias Mendes aborda a relação que mantiveram esses dois importantes autores do romantismo francês. É pela leitura de *Mes mémoires*, de Dumas (1802-1870), que ela tomou contato com uma biografia de Hugo (1802-1885), uma das muitas que essa obra monumental buscou apresentar, na busca do autor para compreender a História da França, não só passada, mas também de seu tempo, por meio do testemunho da vida de alguns homens importantes. Para Dumas, ao conhecer a vida desses homens, é possível compreender, ao mesmo tempo, as transformações ocorridas em sua época. Os dois autores, contemporâneos, viram, em vários momentos, até a morte de Dumas, seus destinos se cruzarem e, dessa forma, a narrativa que este faz retoma fatos de sua vida ao apresentar o biografado.

Gérard de Nerval (1808-1855) é um dos autores cuja obra, no caso, a narrativa “Angélique”, incluída em *Les Filles du Feu* (1854), é abordada por Karina de Oliveira, que denominou seu artigo “O narrador diante da realidade”. Inicialmente, essa narrativa trataria de doze cartas escritas a um diretor de jornal, relatando a vida de um personagem histórico, o Abbé de Bucquoy. No entanto, o interesse principal de cada uma delas são os eventos ocorridos com o narrador-personagem, o qual, como sói acontecer nas obras nervalianas, se identifica com o autor, Nerval, enquanto procura as fontes bibliográficas para a biografia do abade. Mas Nerval narra também, em meio à ocorrência desses fatos, algumas anedotas, histórias fantásticas e uma pequena história de Angélique de Longeval, que figuraria, segundo ele, entre os antepassados do Abbé de Bucquoy. Os detalhes de sua história tornam-se tão consideráveis que superam os acontecimentos ligados ao abade. No entanto, como vai demonstrar o artigo de Karina, é o narrador e seus problemas que ocuparão o plano principal

da narrativa de “Angélique”, de maneira a torná-la um texto que se coloca entre a história e a ficção.

Villiers de L'Isle –Adam (1838-1889) era leitor de Nerval e, como ele, busca refúgio na Arte para alimentar seu estilo afastado da banalidade cotidiana. Neste trabalho intitulado “Sobre Villiers de L'Isle-Adam e os Contes cruels”, Norma Domingos aponta, sobretudo nesta obra, a presença do poeta idealista e irônico que, pela escritura, afasta-se da mediocridade que entrevê no mundo à sua volta, manifestando sua revolta, sua reação a ele, bem como sua crença na salvação pelo Ideal. Amigo de Mallarmé, crê na necessidade de distinguir entre o uso poético da língua e seu uso prático, e seu idealismo verbal o aproxima de E. Allan Poe e de sua crença no poder divino da palavra.

Um de seus contemporâneos foi Émile Zola (1840-1902), que Ana Luiza Ramazzina Ghirardi aborda em “La Terre: naturalismo, política, lirismo”, para refutar grande parte da crítica que atacou esse romance do autor, desde sua publicação, em 1887. Nesse sentido, a articulista recorre à autoridade de críticos, como Henri Mitterand, os quais apontam a composição zoliana como exemplo de narrativa com extraordinária força criativa e imagística, que a afasta das propostas do Naturalismo. Para comprovar essa leitura de *La Terre*, a autora examina a estrutura do romance, buscando depreender em sua trama, o projeto literário do autor.

O último artigo que se insere no século XIX é o de Brigitte Monique Hervot sobre “A mentora literária de Guy de Maupassant”. Nele, o leitor encontra grande parte da correspondência do autor, que consta de cartas que trocou com sua mãe, mulher apaixonada pela arte, sua primeira leitora crítica, à qual se dirigia constantemente para planejar e discutir suas obras. Nessas cartas, Maupassant faz revelações importantes ao estudioso de suas obras e de literatura em geral. Ao comentar esses textos, a articulista tece comentários significativos sobre as 43 cartas a que teve acesso, entre 02 de maio de 1864 e 19 de novembro de 1891, as quais carregam informações sobre o autor, suas obras, as circunstâncias que marcaram sua existência e sua produção literária.

Os artigos que se seguem apresentam autores e obras do século XX: Jacques Prévert, Albert Camus e Michel Tournier, representantes expressivos, também, desse século, os quais, cada um a sua maneira, dão a medida do que foi a literatura francesa da época.

O artigo de Adriana Rodrigues Simões, “O lúdico e a experiência surrealista de Jacques Prévert: uma leitura de *Cortège*”, procura apontar a presença do

surrealismo na obra do poeta, tendo em vista que, de 1925 a 1930, ele participou das atividades do movimento. Estabelecendo uma aproximação entre os jogos surrealistas, o “humour noir”, o emprego de imagens insólitas e o que faz Prévert (1900-1977) em sua poesia, Adriana chega ao conceito de lúdico, que é o ponto comum a unir surrealistas e Prévert, não só na prática poética, mas também em sua crítica às instituições sociais. Recorrendo a Jehan Huizinga, Octávio Paz e Ernst Cassirer, ela encontra os elementos que emprega na sua análise do poema “Cortège”, o qual ilustra bastante bem as relações lúdico-surrealismo / Prévert discutidas no trabalho.

No ano que lembra os 50 anos do passamento de Albert Camus (1913-1960), Cristina Kuntz apresenta o texto “La Rencontre du père: Le premier homme d’Albert Camus”. Ela dedicou-se à leitura dessa obra, publicada em 1994, que, como cita, transformou-se em um formidável best-seller póstumo do autor. O livro foi escrito em meados de 1950 e é uma espécie de “autobiografia velada” de Camus. Os críticos do autor aventam que ele talvez quisesse compor uma obra que reconstituísse o seu tempo, como as *Mémoires de Alexandre Dumas*, mas que ficou apenas no relato das memórias da infância e da adolescência do personagem Jacques Corméry, que se pode facilmente confundir com o romancista. Em seu texto, Cristina Kuntz evoca o estilo claro e a poesia, tão característicos em Camus, e recupera as partes principais da obra por meio de belas citações, que permitem que se reconheça nelas essa espécie de autobiografia fictícia, como ela diz, de Albert Camus, escritor que foi determinante nos anos em que se tornou um dos grandes nomes da literatura de expressão francesa.

Enquanto Prévert e Camus se identificam com os acontecimentos e as idéias da primeira metade do século XX, Michel Tournier, nascido em 1924, aparece como um escritor cuja obra se distingue por recorrer aos mitos e aos acontecimentos históricos para fazer deles uma releitura de maneira subversiva e engenhosa. Seu desejo, com isso, é renovar mesmo a leitura das obras que ele retoma. Em “A subversão da narrativa mítica de *Le Roi des Aulnes*”, Aline de Lima-Villi analisa as estratégias narrativas dessa obra publicada em 1970, buscando deixar evidente que os seus elementos formais, ao contrário do que já afirmou Tournier, não são conservadores nem tradicionais. Ao contrário, ao mesmo tempo em que trata de um assunto bastante subversivo e complexo – um ogre busca seu destino no núcleo do Reich nazista –, Tournier introduz muitas modificações no modelo narrativo que tem a sua disposição. Como bem assinala a articulista, em uma análise atenta e bem direcionada, percebe-se grande hibridismo nos elementos formais que empregam a configuração temporal (que

conjugua a circularidade mítica e a linearidade histórica), o modelo narrativo polifônico e a intertextualidade.

Guacira Marcondes Machado